

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

**MÚSICA, CULTURA, ARTE E EDUCAÇÃO: O CAMINHO PARA A
VERDADEIRA BALBÚRDIA¹**
MUSIC, CULTURE, ART AND EDUCATION: THE WAY FOR TRUE UPROAR

Rosita Da Silva Santos², Maristela Righi Lang³

¹ Artigo produzido a partir da disciplina Teorias do Texto e do Discurso, do Curso da Letras, da UNIJUI.

² Professora do Curso de Letras e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências pela UNIJUI.

³ Professora de Língua Portuguesa do Curso de Letras e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências pela UNIJUI

Resumo: Linguagem, sob uma perspectiva discursiva, é fruto da interação entre sujeitos social, histórica e ideologicamente constituídos e a Análise do Discurso, enquanto ciência, nos permite analisar a estrutura de um texto, buscando compreender as construções ideológicas presentes nos discursos, que são construídos e influenciados pelo contexto em que o(s) autor(es) está(ão) inserido(s).

Neste estudo, buscamos analisar o texto intitulado “Balbúrdia”, produzido por Celso Loureiro Chaves e publicado em 13 de maio de 2019, no Jornal Zero Hora. Com isto, pretendemos fornecer um modelo de análise sob uma perspectiva discursiva, além de trazer conceitos basilares da área, tais como sujeito, formação discursiva e ideológica, condições de produção e outros não abordados teoricamente. O objetivo é o de demonstrar que sempre existe a presença do Outro e é esta presença que permite ao discurso ser heterogêneo, visto que uma formação discursiva não pode ser compreendida como um bloco fechado, mas é definida na sua relação com o Outro, permitindo trocas entre vários discursos.

Palavras-chave: sujeito - condições de produção - formação discursiva - formação ideológica

Abstract: Language, from a discursive perspective, is the result of the interaction between social, historical and ideologically constituted subjects and Discourse analysis, as a science, allows us to analyze the structure of a texto, seeking to understand the ideological constructions present in the discourses, which are constructed and analyzed. influenced by the context in which the author (s) are inserted. In this study, we seek to analyze the text entitled “Balbúrdia”, produced by Celso Loureiro Chaves and published on May 13, 2019, in the Zero Hora Journal. With this, we intend to provide a model of analysis from a discursive perspective, besides bringing concepts basic aspects of the area, such as subject, discursive and ideological formation, conditions of production and others not theoretically addressed. The objective is to demonstrate that there is always the presence of the Other and it is this presence that allows discourse to be heterogeneous, since a discursive formation cannot be understood as a closed block, but is defined in its relationship with the Other, allowing exchanges between various speeches.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Key-words: Subject - Production Conditions - Discursive Formation - Ideological Formation

1 INTRODUÇÃO

A análise do discurso (AD) tem tradição europeia e busca na linguística, no marxismo e na psicanálise as suas origens. Da linguística, pelo conceito de estrutura; do marxismo, pela ampliação do conceito de ideologia proposto por Marx e Engels e atualizado por Althusser; da psicanálise, a partir da descoberta do inconsciente em Freud e da alteração do conceito de sujeito (MUSSALIN, 2006).

A AD passou por três fases: a primeira fase, que explora a análise de discursos pouco polêmicos; a segunda fase, na qual surge o conceito de formação discursiva, emprestado de Foucault; a terceira perspectiva, de acordo com a qual os diversos discursos que “atravessam uma FD não se constituem independentemente uns dos outros”, mas se formam “de maneira regulada no interior de um interdiscurso” (MUSSALIN, 2006, p. 120).

A linguagem não é concreta, mas a ideologia se manifesta concretamente, através da materialidade dos textos, entendendo texto como o lugar da subjetividade e discurso como reflexo das condições de produção. Neste contexto, temos o sujeito discursivo, ou seja, aquele que se constitui na interação social e não é o centro do seu dizer, pois, em sua voz, um conjunto de vozes, heterogêneas, se manifestam.

As pesquisas recentes reforçam a primazia do interdiscurso sobre o discurso. Sendo assim, buscamos analisar um texto publicado em Zero Hora, em maio de 2019, procurando retomar os conceitos de sujeito, formação discursiva e ideológica, condições de produção, além de outros não abordados teoricamente. Esses conceitos estão inter-relacionados e se implicam, podendo a análise ser importante para entender que em todo discurso existe um interdiscurso, com a presença do Outro, permitindo que o discurso seja sempre heterogêneo.

2 METODOLOGIA

A análise do discurso tem sido hoje um dos métodos mais utilizados para analisar discursos, tanto orais quanto escritos. A busca pelos sentidos deve levar em consideração o sujeito, sua história, sua ideologia e as condições de produção desse discurso. Dessa forma, neste estudo, buscamos um modelo de análise sob uma perspectiva discursiva, através dos conceitos da análise do discurso de linha francesa. Para isto, buscamos analisar o texto “Balbúrdia”, produzido por Celso Loureiro Chaves e publicado em Zero Hora, em 13 de maio de 2019.

Uma vez escolhido o texto, objeto de análise, procedemos à coleta de registros identificados e perguntamos sobre o sujeito enunciativo ligado a ele. A organização dos dados foi feita através do levantamento de palavras-chave, dentro do texto. Quanto mais o analista mobiliza o dispositivo teórico, mais facilmente as perguntas surgem. Após o retorno ao corpus, efetuamos a evidenciação das marcas de discurso, segmentação e recorte, para posterior análise.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

O objetivo, como afirma Orlandi, não é o de analisar os sentidos, mas o de verificar como e por que o texto produz determinados sentidos. Isso é possível levando-se em consideração, principalmente, a capacidade de estabelecer relações que permitam atribuir um sentido ou outro ao que foi dito, bem como perceber os implícitos e em que medida isso contribui para a interpretação.

3 A ANÁLISE DO DISCURSO

Há inúmeras formas de realizar estudos da linguagem, dependendo do aporte teórico usado. Pelo viés da análise de discurso de linha francesa, não apenas a língua é o foco, mas sim a língua em uso por sujeitos historicamente situados. Como afirma Orlandi (1999, p. 15) “Na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Partindo desse entendimento, faz-se necessário ter a clareza da não transparência da linguagem, já que o(s) sentido(s) sempre pode(m) ser outro(s), dependendo da situação em que as palavras são usadas, de quem as utiliza e da historicidade do que está envolvido no processo. Ao conceituar Análise do Discurso, Ferreira (2001, p. 11) assegura que a reflexão, o questionamento, a análise fazem parte dessa “disciplina de entremeio” entre a linguística e as ciências de formações sociais. Para a autora, a análise do discurso possibilita trabalhar em busca dos processos de produção de sentido e de suas determinações histórico-sociais. Isso implica o reconhecimento de que há uma historicidade inscrita na linguagem que não nos permite pensar na existência de um sentido literal, já posto, e nem mesmo que o sentido possa ser qualquer um, já que toda interpretação é regida por condições de produção. Essa disciplina propõe um deslocamento das noções de linguagem e sujeito que se dá a partir de um trabalho com a ideologia. Assim, passa-se a entender a linguagem enquanto produção social, considerando a exterioridade como constitutiva. O sujeito, por sua vez, deixa de ser o centro e origem de seu discurso para ser entendido como uma construção polifônica, lugar de significação historicamente constituído (FERREIRA, 2001, p. 11-12, grifos do autor).

Vale salientar que realizar trabalho com leitura sob essa perspectiva exige atenção especial às condições de produção dos textos, uma vez que dessa forma será possível perceber que, além dos explícitos, há outras questões essenciais para a produção dos sentidos. Além disso, o entendimento de que aquilo que se diz baseia-se em outro(s) dizer(es) e a ideologia se faz presente - mesmo que o sujeito não se dê conta disso - controlando o que pode ou não ser dito. Nesse sentido, destacam-se as palavras de Ferreira, segundo as quais a análise do discurso, no que tange à leitura, precisa levar em conta que:

1. o sujeito não é fonte do sentido, nem senhor da língua;
2. o sentido se forma por um trabalho da rede de memória;

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

3. sujeito e sentido não são “naturais”, transparentes, mas determinados historicamente e devem ser pensados em seus processos de constituição (FERREIRA, 2003, p. 202).

Assim, ler um texto vai muito além de decodificar as palavras e perceber a estrutura usada, uma vez que os “sentidos não estão predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas” (ORLANDI, 1999, p. 44). Por isso, torna-se salutar saber quem é o responsável pelo dizer, em que contexto sócio-histórico, para quem o dizer é dirigido, já que assim será possível atribuir um sentido ou outro ao que foi dito.

4 O SUJEITO NA ANÁLISE DO DISCURSO

No quadro da análise de discurso, a noção de sujeito merece atenção especial, uma vez que ele resulta da relação entre linguagem e história. O sujeito se mostra pela linguagem e carrega consigo questões ideológicas e históricas. Como afirma Orlandi (1999, p. 46), “a ideologia faz parte, ou melhor, é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”.

Pode-se dizer que a pessoa se vê como sujeito que defende determinados posicionamentos e produz os sentidos, quando na verdade, isso é uma ilusão. Ela não é totalmente livre, tampouco totalmente determinada. O sujeito é constituído na relação com o Outro e os sentidos são produzidos sócio-historicamente. Ao usar a língua, as palavras, o sujeito acredita que os sentidos se originam em si, quando na verdade, ele está exteriorizando sentidos pré-existentes, que não são naturais, nem transparentes. No entendimento de Orlandi,

O sentido é história. O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história. Assim, podemos compreender também que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são reflexo de uma evidência. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. Para isso têm-se as condições de base, que é a língua, e o processo, que é discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo. Ou, em outras palavras, reúne sujeito e sentido. Desse modo o sujeito se constitui e o mundo se significa. Pela ideologia. (ORLANDI, 1999, p. 96).

Dizer que o sentido não está na língua não significa afirmar que os conhecimentos linguísticos não sejam necessários. Ao contrário. Faz-se necessário entender o processo de produção e ter a clareza que o momento histórico significa, assim como o que precede a isso, resgatando também outras falas, outros dizeres, para assim, atribuir sentido aos ditos. Segundo Orlandi (1999, p. 32) “há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e a sua formulação”. O interdiscurso tem relação com a memória, que também faz parte do discurso. O interdiscurso é algo que fala antes e também pode ser chamado de memória discursiva. É o que acontece ao se fazer a leitura do texto “Balbúrdia”, escrito por Celso Loureiro Chaves.

5 FORMAÇÃO DISCURSIVA E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Na vida cotidiana, os sujeitos acreditam que a origem das posições defendidas, a origem dos sentidos, encontra-se neles, o que não passa de ilusão. Tudo depende de quem utiliza as palavras, uma vez que elas mudam de sentido dependendo de seus usuários e das posições sociais assumidas; sem contar também de quem as recebe - lê ou ouve. Isso porque a história de cada sujeito é singular, sua trajetória, suas leituras, o grupo com o qual convive, as ideias que defende e em que acredita.

Nesse contexto, não é possível desconsiderar a noção de formação discursiva, definida por Orlandi (1999, p. 43) como “aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito”. Isso significa dizer que há um processo de escolha de palavras e de sentidos regidos por questões ideológicas. Há ideias que não serão proferidas ou defendidas por determinados grupos, uma vez que “fogem” daquilo que se defende e, caso algumas palavras sejam usadas, será(ão) com outro(s) sentido(s).

Já a formação ideológica é um conjunto de atitudes que não são individuais nem universais, mas que se relacionam diretamente com posições de classes em conflito umas com as outras. Segundo Mussalin, “uma formação ideológica comporta necessariamente mais de uma posição capaz de se confrontar uma com a outra”, e podem ter entre si relações de aliança ou de dominação (2006, p.125).

Assim, o conceito de formação discursiva é utilizado para designar o “lugar onde se articulam discurso e ideologia” e uma formação discursiva é “governada por uma formação ideológica” (MUSSALIN, 2006, p. 125). Considerando o que foi apresentado até aqui, passamos a apresentar a análise do texto objeto deste estudo, intitulado “Balbúrdia”, que foi publicado em 13 de maio de 2019, no Jornal Zero Hora, e foi produzido por Celso Loureiro Chaves, pianista, professor e compositor.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ler um texto vai muito além da decodificação. É preciso ativar conhecimentos, entender o momento histórico da produção, saber quem produziu o texto/discurso, com qual intencionalidade e a quem foi destinado, elementos que constituem as condições de produção do texto. Como afirma Orlandi (2003, p. 11), “Não analisamos o sentido do texto, mas como o texto produz sentidos”. No processo, o papel do leitor é fundamental, uma vez que dependendo de sua historicidade de leituras, da sua constituição crítica e a capacidade de estabelecer relações permitirão atribuir um sentido ou outro àquilo que está dito, bem como perceber os implícitos e em que medida isso contribui para a interpretação.

A fim de iniciar esta análise, faz-se necessário falar em metáfora, entendida como “a tomada de uma palavra por outra”, de acordo com Orlandi (1999, p. 44). A autora assegura ainda que, em análise de discurso, metáfora é entendida como “transferência”, já que os sentidos não estão dados, eles se constituem no processo de uso, sendo necessário recuperar isso para entender

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

como se dá a significação, pois “Uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva” (ibid, p. 60).

A metáfora não pode ser considerada somente um fenômeno linguístico, mas deve ser vista como algo presente no dia a dia, por meio dos pensamentos e das ações, o que significa dizer que nosso sistema conceitual é fundamentalmente metafórico, ou seja, reconhecer as metáforas é uma forma de conceitualizar o mundo. No texto em questão, há a utilização do vocábulo “balbúrdia” como uma metáfora, visto estabelecer vários sentidos para o termo, permitindo uma comparação mental em que uma palavra ou expressão pode estabelecer relações com outras palavras ou expressões e vai apresentar um sentido diferente para cada um dos sujeitos, ou seja, para o ministro e para o autor do texto.

O termo “balbúrdia” é definido pelo Dicionário Online de Língua Portuguesa como “confusão muito barulhenta; algazarra; circunstância tumultuada; pandemônio; situação complicada, de difícil resolução; complicação”. Já o Novo Aurélio Século XXI apresenta “balbúrdia” como “S. f. 1. vozeria, vozerio, algazarra. 2. Confusão, desordem, tumulto” (FERREIRA, 1999, p. 259).

No texto, Chaves começa afirmando que “Há 80 anos os nazistas definiram balbúrdia em música”. O autor usa a história para explicitar o que se entendia por “balbúrdia” em outra época - ao citar nazistas/período totalitário - ele usa metáfora, pois não está apenas comparando, mas está dizendo que proibir determinadas questões é sinônimo de totalitarismo, afirmando que “No século passado, isso aconteceu sempre em regimes totalitários ou que não soubessem o que fazer com eles mesmos”.

Um regime totalitário é um sistema político no qual o Estado geralmente é controlado por uma única pessoa ou um partido político. O totalitarismo é marcado pela presença do militarismo e é acompanhado por tentativas de promover/divulgar suas ideologias. O termo surgiu em 1920, na Europa, e tem como principais características a censura, o nacionalismo exagerado e a doutrinação.

Loureiro Chaves não cita o caso em que a palavra BALBÚRDIA foi usada pelo Ministro da Educação Abraham Weintraub, mas faz alusão ao termo utilizado por ele, em 30 de abril deste ano, por ocasião dos cortes de trinta por cento, para três universidades, anunciado pelo referido ministro, alegando que estas universidades estão promovendo “balbúrdia”. Entretanto, não há como não relacionar, uma vez que as palavras não são usadas sem intencionalidade, demonstrando que o tema veio à tona motivado por algo, pois todas as falas, os discursos são carregados de ideologia.

De um outro lugar - compositor e músico que é - o autor reflete sobre algo que aconteceu e não foi agradável nem benéfico à parte da população. Sem citar explicitamente o ocorrido - a não ser nas últimas linhas do texto - Chaves critica o posicionamento do ministro, afirmando que contingenciar verbas por conta da pretensa “balbúrdia” promovida nas universidades se configura

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

naquilo que acontece em regimes totalitários. O texto de Loureiro Chaves traz a memória discursiva à tona, mas se coloca contrário ao que o ministro verbalizou.

Ao usar o termo “balbúrdia”, entende-se que o Ministro Weintraub acredita que o que é feito nas universidades é a promoção de confusões, desordens, tumultos, algo negativo, que não deve fazer parte das ações no interior dessas instituições de ensino, o que justificaria os cortes - salienta-se que tais medidas são designadas como contingenciamentos pelo responsável pela pasta da educação - no orçamento.

Loureiro Chaves, por sua vez, ao escrever sobre “Balbúrdia”, busca na história, mais precisamente no período da segunda guerra mundial, situações chamadas de balbúrdia. Ele fala de um outro lugar social, o de professor e artista. Apresenta aquilo que era dito e foi feito para impedir que a arte que não se enquadrasse em determinado perfil fosse conhecida, experienciada, ouvida e admirada, o que fica explícito ao afirmar “Balbúrdia era coisa de não ouvir. Mais: era coisa de proibir”. Proibições fazem parte de regimes totalitários. Tira-se das pessoas o direito de escolha, de decisão própria sobre questões particulares. Além disso, o uso da palavra “coisa” fortalece a negatividade da arte produzida, uma vez que popularmente, tal palavra significa, segundo o Dicionário Online de Língua Portuguesa, “Negócio, troço; tudo o que não se quer designar pelo nome”.

Loureiro fala sobre o período nazista. No decorrer do texto, não menciona nenhuma vez o ocorrido no Brasil, a não ser na última frase, mas o fato de trazer à baila acontecimentos nefastos daquele período, a partir do uso da palavra “balbúrdia”, constrói a ligação com o momento atual, no qual há o desejo de quem está no poder, em nível federal, de controlar tudo o que é feito, o que é próprio de regimes totalitários.

Possenti afirma que muitos estudos “ligados a questões de significação praticamente abandonaram a análise do material linguístico em favor de fatores circunstanciais, situacionais, em favor de uma suposta negociação de sentido entre interlocutores” (2009, p. 62). Ao afirmar que “os nazistas detestavam qualquer música que fosse moderna”, fica subentendido, através dos fatores circunstanciais, que o novo assusta e é preciso amarrar-se à tradição, ou melhor, ao tradicional. Não é permitido inovar, ao que Loureiro, visivelmente, se contrapõe.

Sendo assim, são perceptíveis os subentendidos do texto: se o que os nazistas fizeram foi algo ruim, negativo, o que está sendo feito no Brasil também o é. Como assegura Orlandi (1999, p. 82), apoiando-se nos estudos de Ducrot, “O subentendido depende do contexto. Não pode ser asseverado como necessariamente ligado ao dito”.

Outro aspecto a destacar é que o autor utiliza o termo “balbúrdística” em “Na sua fúria balbúrdística, os nazistas detestavam qualquer música que fosse moderna”. O sufixo “-ístico/ística” é formador de substantivos abstratos e exprime a ideia de “estudo” ou “ciência”, sugerindo a ideia de que se está produzindo uma “ciência da balbúrdia, da algazarra, da bagunça” no país. Ainda, compara o momento ao período nazista, no sentido de que se o que está sendo

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

produzido nas universidades públicas é algazarra, bagunça, na visão do ministro, e isso é motivo suficiente para acabar com as atividades, principalmente porque são bancadas com dinheiro público, o que a sentença “Balbúrdia era coisa de não ouvir. Mais: era coisa de proibir” reforça.

Como o autor do texto está trazendo a questão da música, da arte e salienta que durante o período nazista havia a música degenerada, a qual sofreu sanções e se afirmava que era “uma advertência contra a música destruidora de jovens, música perigosa para as famílias”, da mesma forma se pode pensar em relação às universidades: promovem balbúrdia, são um perigo aos jovens e às famílias.

O termo ‘degenerado’ é um adjetivo, e segundo o Dicionário Online de Língua Portuguesa, significa “que se conseguiu degenerar; que foi alvo de degeneração. Diz-se do que deixou de possuir as características particulares de sua espécie; cujas características foram modificadas; abastardado. Que passou a possuir uma condição inferior; decadente”. Há, neste caso, uma relação entre a música degenerada e as pessoas degeneradas nas universidades. Esta possibilidade de sentido pode ser retomada em entrevista posterior do próprio ministro, quando o mesmo afirmou que as universidades têm permitido que aconteçam, em suas unidades, eventos políticos, manifestações partidárias e festas inadequadas ao ambiente universitário, fazendo referência, inclusive, a “eventos ridículos”, além de apresentarem resultados aquém do que deveriam.

Por fim, Orlandi aborda a questão do não-dito por meio do silenciamento. “É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido” (ORLANDI, 1999, p. 83). Ao afirmar que “balbúrdia em música era coisa feita por negros (o jazz), por judeus”, parece haver uma referência ao fato de que não há aceitação daquilo que provém de certos grupos, como os negros e os judeus. Embora não saibamos em que momento da história o racismo iniciou, o que se sabe é que existem vários relatos de restrições a determinadas pessoas e grupos étnicos. Há uma tentativa de silenciar as diferenças culturais e qual a justificativa para este silenciamento? Há algo que possa tornar aceitável a exclusão?

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a análise do discurso, não há discursos constitutivamente monológicos, mas discursos dialógicos, porque toda palavra é dialógica, todo discurso tem dentro dele outro discurso; tudo é um já-dito. O discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza e o sujeito é essencialmente histórico. Por este motivo, sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, fazendo emergir o sujeito ideológico. Sendo assim, o sujeito não pode ser considerado único, central ou como sendo a origem e fonte do sentido, porque na sua fala outras vozes também falam. São as condições de produção, determinadas pelo contexto sócio-histórico-ideológico, que fazem com que os interlocutores falem de determinados lugares sociais, levando em consideração a imagem que fazem de si mesmos, do outro e do referente.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

No texto em análise, percebemos um assujeitamento ideológico, que leva o indivíduo a ocupar seu lugar na sociedade, identificando-se com grupos ou classes sociais. As possibilidades interpretativas foram dadas a partir das variações de sentido, que são provenientes das formações discursivas e foram atravessadas por uma formação ideológica de alguém para quem a música, a cultura, a arte e a educação é que são os verdadeiros caminhos para a balbúrdia, no sentido positivo que o termo traz.

Neste artigo, nossa intenção foi o de demonstrar que sempre existe a presença do Outro e é esta presença que permite ao discurso ser heterogêneo, visto que uma formação discursiva não pode ser compreendida como um bloco fechado, mas é definida na sua relação com o Outro, permitindo trocas entre vários discursos. Partindo dessa premissa, é imprescindível ter a clareza da não transparência da linguagem, já que o(s) sentido(s) sempre pode(m) ser outro(s), dependendo da situação em que as palavras são usadas, de quem as utiliza e da historicidade do que está envolvido no processo.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio B. H. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Maria Cristina L. (coord.) Glossário de termos do discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

FERREIRA, Maria Cristina L. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni P. (org.). A leitura e os leitores. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MUSSALIN, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2, 5ªed., São Paulo, Cortez, 2006.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

POSSENTI, Sírio. Questões para analistas do discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.